

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Serviço Social

Trabalho de Conclusão de Curso:



Juventude(s): valores e projetos difusos

Suzana Ouverney Braz

Fevereiro de 2008

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Escola de Serviço Social da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do grau de
bacharel em Serviço Social

Juventude(s): valores e projetos difusos

Suzana Ouverney Braz

Orientadora: Joana Garcia

Agradecimentos:

Primeiramente agradeço a minha querida mãe de que sem seu carinho, preocupação, afeto, incentivo e dedicação ao meu aprendizado certamente não estaria onde hoje me encontro.

Ao meu pai que mesmo não estando em corpo presente nesta fase final de minha formação sempre esteve ao meu lado mesmo que espiritualmente, me incentivando e dando todo o apoio, você foi peça fundamental para essa conquista.

Agradeço aos meus irmãos que me ajudaram quando precisei e me incentivaram quando foi preciso. Em particular tenho que agradecer a minha irmã Lúcia e cunhado Marcílio, pois sem eles certamente não teria a oportunidade de estar concluindo esta faculdade. Sem a insistência deles para que eu não desistisse dos meus ideais, apostando e confiando em mim e me acolhendo durante esses 4 anos de formação hoje meu rumo seria outro.

Obrigada também aquele que durante todo o processo de aprendizagem esteve ao meu lado, que foi muito mais que um namorado, um companheiro, um porto seguro, que me apóia, aconselha, que me entende, devo muito a ele por estar aqui. Rafael muito obrigada por tudo que fez por mim nesses anos.

Agradeço também a minha orientadora Joana Garcia, sem a qual não poderia ter desenvolvido esse trabalho. Obrigada por ter sido paciente, amiga, confidente, muito além do que uma orientadora, respeitando meus momentos, dificuldades e contratempos. Muito obrigada por tudo.

E agradeço a mim por ter acreditado que chegaria até aqui.

Suzana O. Braz.

ÍNDICE:

1. APRESENTAÇÃO.....	7
2. JUVENTUDE(S): TEMAS E PROBLEMAS	15
3. DIÁLOGO COM A LITERATURA E COM OS JOVENS	19
A. QUEM SÃO OS JOVENS ENTREVISTADOS?.....	22
B. ONDE MORAM OS JOVENS ENTREVISTADOS?.....	23
C. JUVENTUDE E SOCIABILIDADE.....	25
D. JUVENTUDE E CONSUMO.....	33
E. JUVENTUDE E DROGAS.....	40
F. JUVENTUDE E VIOLÊNCIA URBANA.....	49
4. CONCLUSÕES INCONCLUSAS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	62
ANEXOS:.....	65

1. Apresentação

Falar sobre juventude é um desafio que requer análise e um minucioso trabalho a partir do entendimento de que ela é uma categoria fundamentada socialmente na história. É importante assim tomar como pressuposto a trajetória da juventude através da literatura existente para fazer uma análise mais aprofundada e

que dê subsídio ao tema proposto. Tema este que tem por finalidade entender as concepções dos jovens a respeito da juventude contemporânea propondo incorporá-los como sujeitos capazes de formular questões significativas, de sugerir ações, de contribuir para a solução dos problemas sociais, principalmente aqueles perpassados por essa categoria. Para tal foram utilizados os depoimentos de jovens através das entrevistas, instrumento este que deu voz a esses jovens.

O período de pesquisa se dividiu em duas partes; a primeira onde foi reunida a literatura sobre os temas abordados e assim construído o projeto de pesquisa e roteiro das entrevistas. A segunda parte consistiu na realização das entrevistas que durou em média um mês e análise das mesmas que rendeu três meses.

Inicialmente será apresentada uma breve contextualização sobre a trajetória da juventude no Brasil seguido de uma discussão sobre o tema juventude na atualidade. Na segunda parte do trabalho serão analisadas as entrevistas feitas com os jovens baseadas na literatura estudada ressaltando os temas propostos para a pesquisa: rede de sociabilidade, o consumo e estetização do corpo, o uso de drogas e a questão da violência. A última parte traz as considerações finais acerca do estudo em questão. Contudo, é de fundamental importância destacar que este é uma contribuição para um tema extenso e complexo, tratando-se de estudo em processo e, portanto, nada conclusivo.

Introdução

A idéia do que é juventude ou do que é ser jovem não é precisa das sociedades contemporâneas. Sendo a juventude uma categoria socialmente construída no contexto de determinadas referências econômicas, sociais ou

políticas, é, por isso, sujeita a modificar-se ao longo do tempo, de acordo com contextos socioculturais.

Para compreensão desta questão é preciso considerar a forma como a juventude foi tratada ao longo dos séculos em nossa sociedade. Como resultado de uma estrutura escravocrata e de concentração de renda, surge no cenário nacional a figura do “menor”. Considerado como marginal e desajustado ao sistema, o menor é aquela criança ou jovem oriunda do que se convencionou chamar de família “desestruturada” de baixa renda. (Júnior, 1992)

Assim, o “menor” é visto como um perigo à sociedade perdendo suas características infanto-juvenis e, por isso, devendo ser contido através da repressão e ressocialização. Segundo Júnior (1992) isso acontece porque inseridos na lógica do mercado “*os cidadãos brasileiros não param para pensar o porquê de aquelas crianças estarem perambulando pelas ruas*” (Júnior, 1992:14). Acaba-se estabelecendo um olhar adulterado das reais características do país com grandes desigualdades sociais e uma crescente pauperização.

A legislação nesse período deixa claro quem era o público alvo das políticas para a infância e adolescência, sujeitos a serem disciplinados, assistidos e controlados. Esse público alvo não eram os jovens e crianças de classe média, mas sim aqueles que fazem parte da população pauperizada em situação de abandono e delinquência, os considerados “menores”.

A maneira como a sociedade, nesse período e ainda nos dias atuais, vê e trata as crianças em situação de abandono está arraigada de interesses da classe burguesa de se manter uma ‘paz social’ para a manutenção do status quo. A saída para este fato é encontrada através de medidas assistenciais ou de punição.

A eliminação do uso do termo “menor” e a mudança na maneira de intervir junto à população jovem brasileira só acontecem de fato após a constituição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990.

Com a redemocratização do país, a sociedade passou a lutar pelos seus interesses, inclusive pelas crianças e adolescentes que não tinham uma legislação que os vissem como cidadãos de direitos. A abertura política e a nova Constituição Federal culminaram em um novo Estatuto (ECA) que passou a considerar essa parte da população como cidadãos de direitos.

“Com a Constituição da República do Brasil, (...), adotou a orientação da proteção integral, o antigo Código de Menores foi revogado pela Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), (...). Esse novo estatuto legal define a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, abolindo sua condição de objetos de intervenção, quer da sociedade ou do Estado.” (Adorno, 1993: 109)

Embora o ECA tenha sido resultado de um acordo nacional, que veio marcar uma mudança no tratamento dos direitos da criança e do adolescente, uma questão que surge a respeito dessa mudança é se realmente houve um trato diferenciado as questões inerentes a população infanto-juvenil. Cabe indagar também se o Estado na condição de formulador das políticas públicas passou a formulá-las de forma diferenciada e, se a sociedade passou a tratar essa população de maneira igualitária, livre de preconceitos e punições.

Verifica-se, contudo, que mesmo após a constituição do ECA ainda existem conflitos intensos entre os atores que formulam as políticas dentro desta área, visto que concepções anteriores ainda são pertinentes. A questão da maioridade penal é um exemplo. Vale ressaltar que o ECA veio para trazer o tona os direitos e deveres

das crianças e adolescentes até os 18 anos incompletos ficando os jovens acima dessa faixa etária fora desse Estatuto.

O que se percebe é que a sociedade brasileira durante muito tempo foi “adultocêntrica”, os adultos tinham razão e preferências. As crianças e jovens não tinham voz e eram submetidas às regras impostas pelos mais velhos. Não se ouvia essa parcela da população, eles eram sempre vistos pelos olhares dos adultos. Com isso cabia a família, como órgão responsável pelo jovem, responder por ele, impor-lhe normas e assinalar o que é melhor ou não para o mesmo.

Castro (apud Gonçalves, 2001) relata que a presença do jovem na cidade só é aceita quando se impõe as regras dos adultos que submete e controla esse grupo, dando limites para sua ocupação na cidade. Esse controle e regulação de conduta acabam se concretizando no espaço da família ou daqueles que são mais próximos aos jovens, embora existisse instituições para realizarem essas “tarefas”.

As compreensões e percepções de mundo dos jovens não são relevantes para o mundo adulto. Percebe-se isso quando constatamos que grandes partes das pesquisas na área da juventude são realizada por adultos sem dar espaço para os jovens poderem colocar suas opiniões acerca do estudo em questão.

Segundo Sposito (2003), quando se trata de políticas públicas de juventude é necessário saber quais são os atores que as demandam, se são os jovens como usuários dessas políticas ou os adultos como articuladores das instituições. Para isso precisam-se incorporar os jovens como sujeitos na construção das políticas voltadas para os mesmos deixando de valer as práticas dominantes, mesmo que essas orientações e suas práticas relacionadas à juventude sejam realizadas em torno de relações de poder pré-estabelecidas que neguem as diversidades das situações.

Ao estudar as questões que os jovens demandam e não simplesmente aquelas que os formuladores das políticas apontam como demanda desta população, pretende-se neste estudo dar voz a esses sujeitos que são pouco ouvidos, principalmente no que tange aos seus interesses e necessidades.

Esses jovens não são aqueles com condições sócio-econômicas que usufruem das mercadorias disponíveis no mercado. O público-alvo das políticas juvenis são jovens de baixa renda, sujeitos que devido à sua condição econômica e social não têm acesso a todos os bens de consumo, aos bens sociais e por conviverem nas mais diversificadas situações são vistos como indivíduos que podem desenvolver um “comportamento violento e disruptivo”. (Sposito, 2003:62)

Por isso a minha escolha em estudar sobre a juventude enfocando o olhar do jovem. Meu objetivo foi pesquisar sobre como esse jovem que, diante de uma sociedade consumista, violenta, com um mercado de trabalho que exige cada vez mais qualificação e experiência, com fácil acesso a obtenção de drogas e com espaços de sociabilidades determinantes dependendo de sua classe social, se percebe como tal dentro do mundo contemporâneo.

Minha inserção em campos de estagio curricular na temática da juventude foi decisiva para a escolha desse tema. Por ter passado os dois anos de estágio estudando essa faixa etária, achei que seria interessante investigá-la mais profundamente, procurar saber mais sobre o universo destes jovens, como eles se enquadram diante de uma sociedade de mercado, que a todo tempo produz mercadorias e lança estilos novos para o consumo excessivo. Como os jovens entendem e enfrentam a questão da violência tão presente na sociedade, principalmente nos centros urbanos? O que, para o jovem, pode levar uma pessoa ao uso de drogas? Que espaços de sociabilidade ele costuma freqüentar? O que o

leva a esses lugares e o que lhe chama atenção? Essas e outras perguntas referentes ao tema foram perseguidas durante a pesquisa.

Pretendi analisar os valores de jovens de baixa renda e de classe média da cidade do Rio de Janeiro, a partir de um recorte circunscrito: alunos do Colégio privado Santo Inácio situado no bairro de Botafogo, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

As questões levantadas envolveram os jovens de classe média alta e alta que estudam no Colégio, mas também jovens beneficiados com bolsa de estudo, com perfil de baixa renda. Embora juventude incorpore classes sociais diferentes e isso implica em formas diferenciadas de conviver em nossa sociedade e ser vista pela mesma, podem existir similaridades e divergências sobre determinados processos que essas juventudes passam, a despeito da classe social que pertencem.

Procurando um espaço mais preservado para a realização das entrevistas, fora do ambiente familiar que poderia induzir ou inibir certas respostas dos entrevistados, achei interessante realizar esses encontros com os jovens na escola onde estudam. Foi escolhido o Colégio Santo Inácio pelo fato de ser o campo de estágio da autora deste trabalho e isto facilitar o contato com os alunos.

É sabido que os jovens têm pouca ou nula participação na elaboração de políticas públicas voltadas para a juventude e tais políticas muitas vezes são formuladas numa concepção restrita de jovens sujeitos de direitos. Ressalta-se que grande parte dessas políticas sociais ainda são formuladas como maneira de “controle dos jovens e de sua identificação como problemas sociais” (Sposito, 2003:72). Entretanto, este trabalho apresenta-se como proposta de análise das políticas juvenis assim como perceber o jovem enquanto sujeito de direitos e participantes das ações os quais está envolvido.

Apesar de os jovens participarem de uma rede sócio-econômica diferenciada, considero o fato de os mesmos estudarem na mesma escola um fator que pode contribuir para a análise dos dados levantados durante as entrevistas. Tal se explica por ser um lugar de aprendizagem, conhecimento e espaço de sociabilidade comum aos jovens entrevistados.

Tendo como objeto de minha pesquisa o jovem e buscando analisar sua percepção em relação às questões que o aflige, utilizei a entrevista com os mesmos e com profissionais da área analisada como um instrumento preferencial para minha pesquisa.

2. Juventude(s): temas e problemas

Tenho em meu trabalho o jovem como principal objeto de pesquisa, e neste sentido, é importante compreender seu universo, procurando inicialmente caracterizar o que se convencionou caracterizar como juventude.

O conceito de juventude é definido geralmente como um estado intermediário entre a infância, idade da irresponsabilidade, e a vida de adulto, idade da responsabilidade. É somente no século XX que o estudo do jovem é aplicado a todas as classes da população nos países industrializados. O jovem passa a ser um indivíduo de um determinado grupo etário.

A faixa etária dos jovens de acordo com o IBGE está entre os 15 e 24 anos de idade, porém, de acordo com Novaes, esses limites etários não são fixos. Para a autora, a juventude vai depender da trajetória de cada indivíduo.

“Para aqueles que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, ao mesmo tempo, o aumento de expectativa de vida e as mudanças no mercado de trabalho permitem que parte deles possa alargar o chamado tempo de juventude até 29 anos.” (Novaes, 2003:121)

Para além do estatuto legal, o papel do jovem não está bem definido na sociedade. Sendo a juventude uma condição socialmente construída no contexto de determinadas situações econômicas, sociais e/ou políticas é, portanto, sujeita a modificar-se ao longo do tempo, de acordo com as condições socioculturais.

Mesmo a noção comum de jovem, muito associada à fase etária, tem-se tornado cada vez mais difícil de delimitar esse período, visto as exigências da vida contemporânea que tendem a prolongar a permanência na casa dos pais e a postergar a independência em relação a estes.

Peregrino define juventude como “uma categoria que precisa ser qualificada: pela posição ocupada na estrutura de classes, pela posição ocupada na cidade, pela cultura que reproduz e exprime.” (Peregrino, 2003:233).

Peregrino (2003) também confirma a idéia de que a juventude não pode ser apenas definida pela idade etária do indivíduo, pois, existem outros fatores que vão limitar ou estender a fase juvenil da pessoa.

Percebe-se com isso que não existe uma juventude e sim “juventudes” que variam de acordo com cada sociedade. A divisão etária é compreendida conforme a cultura de cada lugar assim como os valores e considerações dados a esse grupo social.

Ainda que, de acordo com o conceito adotado pela Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República, que define como jovens os sujeitos que se encontram na faixa etária entre os 15 e 29 anos, várias diferenciações internas se fazem presente, marcando os indivíduos. Dentre elas: a classe social, o gênero, a cor, o local de moradia, a inserção e situação no mercado de trabalho.

Segundo Novaes (2003) a classe social é ou determina a desigualdade mais evidente entre os jovens, isso fica claro quando se relaciona a questão do trabalho e da escola. A situação econômica familiar do jovem vai mostrar a idade média que a juventude inicia suas atividades laborativas assim como sua inserção e/ou saída na escola, inclusive o atraso e a evasão escolar.

Em sua pesquisa Sansone (1990) confirma que os jovens têm iniciado suas atividades laborativas mais tarde. Isso se deve ao fato deles estarem investindo mais nas suas formações profissionais visto que a inserção no mercado de trabalho

o leva a buscar cada vez mais qualificação e também por estarem mais informados ao que diz respeito às leis trabalhistas. Embora a entrada do jovem no mercado de trabalho esteja sendo iniciada mais tardiamente, isso não se aplica a todos os jovens brasileiros pois, há jovens que devido a sua condição social precisam trabalhar para ajudar nas despesas familiares ou para satisfazer suas necessidades de consumo que seus provedores não tem condições. São esses jovens que, em sua maioria, trabalham em empregos mal remunerados, exercendo atividades de baixa qualificação profissional. Isto se deve ao início de atividades laborativas antes da formação profissional do jovem, que acaba entrando no mercado de trabalho desfavorecido em relação àquele que terminou os estudos e se qualificou para disputar uma vaga no mundo do trabalho.

Outro fator que interfere na trajetória juvenil é o gênero. Mulheres jovens têm uma remuneração menor que os homens jovens, isso se agrava mais quando se associa à questão da cor e da classe social. Fica evidente que as mulheres negras de baixa renda recebem remuneração muito menor que as mulheres brancas e os homens negros ou brancos. Isso, porém, não ocorre apenas com as mulheres jovens, é uma evidência de gênero e não apenas da faixa etária.

Outra questão é a análise feita entre jovens de centros urbanos e áreas rurais. O local onde se encontra essa faixa etária também é um fator que pode alterar sua definição. A região onde os jovens nascem, crescem e se desenvolvem vai influenciar nos seus valores e percepções de mundo, ou seja, a cultura onde o jovem está inserido se modifica de acordo com seu contexto social e territorial e vai incidir na definição do jovem que ali se encontra.

Entretanto, parte desse segmento também pode ser definido como adolescente, pessoas entre 12 e 18 anos incompletos, conforme estabelece o

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Considerando que a faixa etária analisada nesta pesquisa se enquadra também na categoria adolescência, esta poderia ser utilizada para se referir aos entrevistados, porém como houve alunos entrevistados com idade acima dos 18 anos, parece mais coerente usar apenas as terminologias relacionadas à juventude para referir-se ao grupo analisado.

Os jovens representam cerca 20% da população brasileira e suas demandas são diversificadas pois entre eles há diferenças e desigualdades sociais. Em uma pesquisa divulgada recentemente pela Unicef, dezembro de 2007, em parceria com a Fundação Itaú Social (FIS) e o Instituto Ayrton Senna (IAS) relatou que a população jovem brasileira atualmente gira em torno dos 17,9 milhões de jovens entre os 15 e 19 anos. População esta que se enquadra no universo investigado neste trabalho.

3. Diálogo com a literatura e com os jovens

Por ser uma pessoa que se enquadra na faixa etária analisada, ter feito o estágio curricular na área de infância e adolescência e ter a curiosidade de conhecer melhor este campo resolvi escolher esta faixa etária como objeto de meus estudos.

A princípio havia o interesse pelo tema embora não soubesse o que pesquisar, uma vez que existe uma gama de assuntos pertinentes ao segmento analisado. Depois de algumas leituras sobre o tema e avaliando os atendimentos no campo de estágio conclui que um assunto interessante para minha pesquisa seria de investigar a visão de mundo desses jovens perante algumas questões pertinentes a sua participação em sociedade. Todavia, a pesquisa não se restringe apenas a saber a posição destes jovens mas também mostrar para a sociedade e, em especial para aqueles que fazem parte do processo de formulação das políticas para a juventude que eles, os jovens, podem e devem fazer parte da elaboração de políticas voltadas para essa faixa etária. A partir desta busca por opiniões dos jovens foram definidos alguns temas para serem discutidos: a sociabilidade, o consumo, as drogas e a violência.

Estando ainda em período de estágio no Colégio Santo Inácio achei que seria produtivo utilizar como universo de minha pesquisa os alunos deste colégio. Ainda que este Colégio, em sua maioria, seja de alunos de classe média e classe média alta, o mesmo oferece no turno noturno o Curso Educação para Jovens e Adultos (EJA) gratuitamente. Isso possibilitou que eu tivesse acesso não apenas a jovens de classe média, mas também aos jovens de classes populares para comparar suas opiniões e analisar a existência ou não divergências entre estes jovens.

Entendendo mais sobre o dinâmica do colégio Santo Inácio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite no Colégio Santo Inácio iniciou em 1968 e destina bolsas de estudos preferencialmente à pessoas que se encontram em situação sócio-econômica de baixa renda.

Em 2005 o Colégio passou a se adequar às exigências do Conselho Nacional de Assistência Social para a obtenção do Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social, concedido pelo Conselho Nacional de Assistência Social, anteriormente denominado de *Lei da Filantropia* (Lei nº 8.742 de 7 de dezembro de 1993).

A referida Lei estabeleceu novas condições para a regulação da prestação dos serviços de assistência social e para o reconhecimento do Poder Público Federal de que as instituições sem fins lucrativos, de fato, prestam atendimento ao público alvo da Assistência Social ¹.

Atualmente, considerando que o Colégio presta assistência educacional ao público-alvo da Assistência Social com recursos que seriam destinados à Seguridade Social, todos os alunos do EJA tem acesso ao curso gratuitamente e alguns alunos do diurno que comprovam dificuldades financeiras para pagar a mensalidade do colégio também recebem bolsa de estudos. Entretanto, durante a realização das entrevistas não foi possível entrevistar nenhum aluno bolsista do diurno visto que a escolha dos alunos foi feita pelos coordenadores de série.

Por ter feito estágio no setor de recursos humanos do colégio e este ser o responsável pela concessão de bolsa de todos os alunos do colégio tive a oportunidade de conhecer melhor o universo dos alunos do curso noturno,

¹ Aqui a Assistência Social refere-se a um direito estabelecido na LOAS, ligada à seguridade social e composta pelo tripé: saúde, previdência e assistência.

visto que meu o horário de estágio era a noite e tinha contato direto com os mesmos, isso não ocorreu com os alunos do que só foram conhecidos momentos antes da realização das entrevistas.

Para poder analisar as opiniões, sugestões, críticas, a pesquisa se baseou no método qualitativo. Na metodologia qualitativa procura-se entender como os indivíduos interpretam e analisam o mundo que o cerca. A metodologia qualitativa tem como objetivo principal *“compreender as relações, as visões e o julgamento dos diferentes atores sobre a intervenção na qual participam, entendendo que suas vivências e reações fazem parte da construção da intervenção e de seus resultados”*. (MINAYO, 2005:82)

Tendo como objeto da pesquisa o jovem e buscando analisar sua percepção em relação às questões que o afligem, considerou-se a entrevista como um instrumento importante para a realização do estudo.

Os² alunos entrevistados se encontram na faixa etária entre 13 e 19 anos, todos são alunos do Colégio Santo Inácio, constituindo um total de 49 alunos. Dentre estes alunos há os que estudam durante o dia, no Ensino Regular (39 alunos) e os alunos que estudam a noite no EJA (10 alunos).

Com o intuito de enriquecer o trabalho a respeito da juventude foi elaborado um roteiro de entrevistas para ser aplicado a profissionais que trabalham com esse universo. Entretanto, devido a vários problemas como falta de disponibilidade de horário foi realizado apenas uma entrevista com a Prof.^a Dr. Hebe Signorini Gonçalves e foi enviado e respondido por e-mail o roteiro para três outras profissionais da área: a Prof.^a Rosilene Alvin, Prof.^a Regina Novaes e a Prof.^a Maria Helena Zamora.

² A utilização do gênero masculino se presta a sintetizar manifestações de homens e mulheres, não indicando precedência de sexo.

a. Quem são os jovens entrevistados?

Quadro 1: Perfil dos entrevistados por idade e sexo

FAIXA ETÁRIA	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
13	5	-	5
14 -15	8	6	13
16 -17	11	15	26
18 -19	5	-	5
TOTAL	29	21	49

A escolha dos alunos para as entrevistas foi um fato interessante. Como a porta de entrada para fazer as entrevistas foi feita a partir dos coordenadores, eles escolheram os alunos a serem entrevistados. Os grupos de alunos foram todos da mesma turma com exceção de um grupo de três casais de namorados que eram da mesma série mas, não da mesma turma. Havia sempre algum elo entre os alunos dos grupos analisados.

Esse vínculo que existe entre os alunos entrevistados, seja estudar na mesma turma, ou serem amigos e/ou namorados favoreceu muito durante a entrevista, visto que tinham conhecimento entre si, enriquecendo mais as perguntas e respostas. Porém não sei até onde a escolha dos alunos foi aleatória ou não. Não posso afirmar que os coordenadores, ao escolherem os grupos, fizeram isso sem algum critério; desempenho escolar, postura crítica. Ademais estava sendo exposto nessas entrevistas não apenas as concepções de mundo dos jovens, mas o olhar dos alunos do Colégio Santo Inácio.

Outro fator que aconteceu durante o processo de entrevistas foi a maneira como foram realizadas. As primeiras entrevistas que fiz com os alunos do curso noturno, foram bem mais facilitadas em termos de autorização, uma vez que meu

estágio era à noite e já conhecia o coordenador. Elas foram feitas individualmente e, no decorrer delas, achei que o jovem ficava muito preso, com certa dificuldade para responder as perguntas. Passei então a chamar duplas para as entrevistas, mas também não se tinha discussão sobre os temas colocados. Eu queria que eles mesmos estimulassem uns aos outros para o debate, além de tentar passar uma sensação de conversa, de familiaridade sem grande compromisso e formalidade. Resolvi então tentar fazer grupos com 4 ou 5 alunos para ver como funcionaria e percebi que tudo mudou. As conversas melhoraram muito, os alunos se sentiam muito mais a vontade com os amigos por perto, os debates fluíram e, em muitas conversas, acabaram surgindo outras questões além das que constituíam meu propósito de pesquisa.

Com essa mudança de abordagem, percebi que os jovens se sentem menos intimidados quando estão em grupo, principalmente entre amigos, e se expressam melhor, colocam suas opiniões, diferentemente quando são abordados sozinhos, ficando receosos e tímidos.

Entrevistar jovens de ambos os sexos permitiu-me perceber suas divergências e similaridades. Apesar de terem a faixa etária próxima, o sexo e/ou a idade, em algumas entrevistas mostraram-se com opiniões diferentes. As meninas foram em geral mais espontâneas ao responderem as questões e por vezes, acabavam inibindo os meninos. Os rapazes sentiram-se mais intimados com algumas questões e em apenas um grupo, onde a maioria era do sexo masculino, eles ficaram mais a vontade para responder as questões expostas.

b. Onde moram os jovens entrevistados?

Quadro 2: Local de moradia dos informantes por sexo

BAIRRO DE RESIDÊNCIA	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
BOTAFOGO	15	5	20
LEBLON	0	1	1
JARDIM BOTÂNICO	4	3	7
FLAMENGO	1	0	1
SANTA TEREZA	1	1	2
BARRA DA TIJUCA	1	0	1
GAVEA	2	2	4
COPACABANA	1	3	4
SANTO CRISTO	1	0	1
SÃO CONRADO	1	0	1
IPANEMA	2	0	2
LAGOA	0	4	4
HUMAITÁ	0	1	1
TOTAL	29	21	49

Dos alunos entrevistados verifica-se que a maioria reside na Zona Sul da cidade, região em que se localiza o colégio, local também onde se localiza parte da população de classe média e classe média alta da cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, os alunos do curso noturno, moradores em sua maioria de comunidades de baixa renda também residem na Zona Sul, sendo moradores das comunidades de baixa renda, localizadas nessa região como: a comunidade Santa Marta, Ladeira dos Tabajaras, Pavão Pavãozinho. Vale ressaltar que estes alunos não relataram que moram nestas comunidades (eles sempre falavam dos bairros que a comunidade faz parte como Botafogo, Copacabana), mas por conhecer melhor esses alunos devido ao estágio que fazia no Colégio, sei onde residem. Mesmo assim, em nenhum momento, foi solicitado ao aluno dizer se a localidade onde residia era de baixa renda ou não, ficando ao seu critério relatar onde morava.

Indicar o bairro de classe média da Zona Sul como aquele em que reside, para esses jovens serve como uma forma de pertencer a um meio, que é bem visto

pela sociedade, é uma forma de não ser julgado logo de imediato apenas pelo seu local de moradia, visto ser este um traço determinante para seu reconhecimento. É uma maneira de não ser julgado simplesmente pelo seu endereço.

“O território, muito mais do que um mero lugar onde os sujeitos nascem e crescem, produz-se também como aspecto constitutivo da própria identidade, enquanto marca ou traço que fixa, por excelência, o sujeito”. (Castro, 2004:115)

Os jovens quando relataram morar, por exemplo, em Botafogo, ao invés do Morro Santa Marta, tentam fugir de um estereótipo do tipo favelado, marginal, e assim se distanciar desses pré-conceitos dados aos indivíduos que residem nestas regiões. Pois, de acordo com a entrevista feita com Regina Novaes, além do preconceito racial e social existe “*a discriminação por endereço*”. *Isto porque pelo Brasil afora há favelas, conjuntos habitacionais, periferias que expõem particularmente os jovens à violência e a corrupção dos traficantes e da polícia. Apenas por morar nestas áreas pobres e violentas os jovens se tornam suspeitos, criminosos em potencial.*” (Novaes, 26/10/2007)

Morar nesses locais, ou declarar residir ali, também tem um significado de estarem mais próximos aos diversos serviços que a cidade oferece, seja ele público ou privado ao contrário dos existentes nas comunidades de baixa renda onde os serviços são, em sua maioria, precários e restritos.

A seguir, serão analisadas as entrevistas de acordo com os temas propostos, divididos respectivamente em: sociabilidade, consumo, droga e violência.

c. Juventude e sociabilidade

Por considerar importante a discussão de sociabilidade, principalmente na juventude, é que cabe inicialmente elucidar o tempo livre dos jovens até mesmo para entender os sentidos da juventude.

A juventude não deve ser compreendida como uma categoria homogênea tendo em sua essência apenas o divertimento e o prazer sendo dissociada do mundo do trabalho e das responsabilidades. Para tanto, Brenner vem afirmar que existem “várias condições distintas de vivências do tempo da juventude” (Benner et al, p.176)

Nos momentos de lazer os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, que os diferenciam dos adultos. O lazer, enquanto um espaço em que a liberdade de escolha predomina, torna-se, assim, um local onde a relação em grupo possibilita a criação de confiança e também de conflito servindo como construção de identidades coletivas e individuais.

“O lazer para os jovens, aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento das relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas. É um espaço menos regulado e disciplinado que os da escola, trabalho e da família. O lazer se constitui também, como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. Podemos dizer assim, que é uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil.” (Abramo, 1994:62)

Assim, a pesquisa realizada indicou que os jovens costumam passar seus momentos de lazer, na maioria das vezes, ao lado de seus amigos, e, com menos frequência, com os familiares. Os locais que freqüentam regularmente são aqueles comuns à sua faixa etária.

“Nós gostamos de ir a praia primeiro porque é um lugar aberto e é um lugar onde temos a chance de encontrar uma grande quantidade de amigos.” (M. C., 15 anos)

Quadro 3: Lugares que costumam freqüentar

	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
PRAIA	20	9	28
CINEMA	13	12	25
SHOPPING	13	8	21
RESTAURANTES	9	9	18
CLUBE	7	3	10
FUTEBOL / MARACANÃ	1	14	15
BARES/ SHOWS/ BOATES/ BAILE FUNK	12	4	16
CASAS DE AMIGOS/ FESTAS PARTICULARES	4	2	6
Outros:	5	2	7

É importante ressaltar que os alunos disseram que os locais onde costumam freqüentar também se devem ao fator idade, que os impossibilita de irem a lugares onde é proibida a entrada de menores de 18 anos. Por isso, acabam fazendo programas acessíveis à sua faixa etária como: cinema, restaurantes, shopping, clube, praia e alguns shows.

Entretanto, os locais de circulação das pessoas na cidade estão determinados por condições dos próprios sujeitos, seja pela idade, pelo pertencimento a classes sociais, seja pelo estilo de vida ou experiência cultural, embora nem sempre estejam totalmente condicionadas a isso. (Castro, 2004)

Hebe Gonçalves, em sua entrevista, expõe a questão da segregação territorial, em que os jovens de classe popular acabam se restringindo a seu local de moradia por causa do tráfico de drogas e também pelo olhar diferenciado, desconfiado do morador dos bairros de classe média e média alta para com eles.

“O jovem circula no limite estrito da sua comunidade e isso por duas coisas: porque as comunidades hoje têm essa coisa da prisão, então você é de uma facção quer

“você tenha envolvimento com a droga ou não, e de outro lado um depoimento que eu já ouvi também que os jovens das comunidades pobres não conseguem circular na zona sul do Rio de Janeiro, eles não conseguem circular é..., então esses territórios da cidade terminam se constituindo em barreiras que os jovens não conseguem atravessar e que ele vai ficar lá na sua comunidade com o grupo de amigos e não consegui expandir o seu domínio sobre a cidade, o conhecimento da cultura daquela cidade, os monumentos históricos, a arquitetura ele não consegue incorporar o retrato do Rio de Janeiro.”
(Hebe Gonçalves, 20/09/2007)

Segundo Castro (2004) os jovens de baixa renda têm seu espaço de circulação reduzido pelo seu baixo poder aquisitivo. Acabam não tendo condições de freqüentar determinados lugares, pela restrição da locomoção na cidade, mas também devido aos estereótipos sofridos por parte de outros sujeitos da sociedade que vêem aquele jovem como delinqüente e/ou infrator. Por estas razões tornam-se vigiados a todo tempo. Embora quando comparados aos jovens de classe média esse acabam circulando mais pelo espaço citadino, principalmente devido ao trabalho.

A questão da segregação dos espaços dentro da cidade acaba interferindo também na hora do lazer. Os jovens não se deslocam para áreas distantes do local de residências e, principalmente, para regiões de classe social diferentes da sua.

De acordo com Capparelli (apoud Cruz, 1998)

“o espaço, tal qual é vivenciado pela criança de classe média hoje, envolve uma série de fragmentos segregados: o apartamento, o clube, a escola. É como se em nenhum momento ela estivesse realmente em contato com a cidade, mas apenas com certos lugares, que aparecem como verdadeiras “ilhas” no mar de agitação e violência da cidade.” (Cruz, 1998:164)

Essa segregação acontece com os jovens de classe média que tem uma rede de sociabilidade e uma oferta de serviços próximos à sua residência, não vendo

necessidade de transitar pelos diversos locais da cidade. Outro fator que, segundo os jovens entrevistados, parece ser um dos motivos de não se locomoverem ou pouco se movimentarem pelo espaço urbano é a violência e insegurança. A falta de segurança pública, principalmente nos bairros populares da cidade, é um dos motivos que inviabilizam a circulação destes jovens pela cidade.

“A questão da violência também prejudica muito os locais do lazer, os locais que agente vai, agora fica muito em função da violência, assim fica perigoso, não pode ir para a Barra.” (M. L., 18 anos)

Essa questão da violência que acaba restringindo a circulação das pessoas no espaço da cidade acontece com todos os cidadãos e não apenas com os jovens, independente de sua origem social. Ela está presente em todos os indivíduos que circulam nos grandes centros urbanos e em especial, na cidade do Rio de Janeiro.

“E a violência afeta os dois, porque afeta os dois no sentido de que restringe o mundo da circulação, exige uma série de cuidados, exige um conjunto de medidas de proteção que tolem a liberdade que comprometem o exercício pleno de cidadania.” (Hebe Gonçalves, 20/09/2007)

Outro fator que, segundo os entrevistados, não estimula a circulação deles em outras regiões da cidade é que os locais de lazer que costumam freqüentar se encontram na região onde moram. Os alunos não vêem a necessidade de sair da Zona Sul para poder se divertir, pois tudo que eles querem, podem desfrutar perto de casa. Entretanto, os jovens que vivem em bairros mais populares convivem com uma oferta de opções de lazer menor que os jovens de classe média, principalmente as opções como cinema, shopping, que são locais privados e até mesmo os públicos como a praia que se localiza na região da classe média.

“Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares” (Brenner et al. 2005:179).

Os equipamentos de lazer e cultura se encontram, em sua maioria, nos locais de maior concentração de riquezas, dificultando o acesso dos jovens de baixa renda. Para esses jovens a distância desses locais de lazer resulta numa restrição à ampliação de seus horizontes educacionais e culturais. (Castro, 2004)

Aduan (apoud Cruz, 1998) relata que esta *“guetificação da cidade”* ocorre com crianças e jovens de ambas as classes, que:

“Percebem a cidade como partida, o que os diferencia é que a criança pobre se aventura a cruzar seus limites por necessidade, enquanto a rica nem isso faz, já que só anda de carro e faz tudo do shopping ou do condomínio, permanecendo assim com uma visão urbana restrita” (Cruz; 1998:164)

A falta de acesso aos meios de lazer das camadas populares da cidade e a grande oferta desses lugares nos bairros de classe média produz um desigual acesso aos meios de cultura e lazer. O jovem de baixa renda acaba não tendo oportunidade de conhecer outras maneiras de se divertir, uma vez que os locais de lazer são localizados longe de sua moradia e por vezes, a falta de recursos financeiros acaba dificultando seu acesso. Ao contrário, o jovem de classe média reside nos locais onde se concentra a rede de cultura e entretenimento além de ter condições econômicas para freqüentar os locais privados de lazer como cinemas, shows entre outros.

“Assim, à mobilidade pela cidade cabe um diferencial enorme no tocante a como cada grupo socioeconômico de crianças e jovens se restringe ao seu local de moradia” (Castro, 2004:72)

Nas entrevistas os jovens também relataram que seus amigos e parentes residem, a maioria na Zona Sul não sendo imprescindível ir a outros lugares para encontrar com eles. Apenas alguns alunos que moram na Barra da Tijuca ou que tem amigos ou familiares nesse bairro relataram que vão para lá eventualmente.

Os alunos do curso noturno também disseram não transitar muito pelos diversos espaços da cidade. A justificativa desses jovens foi parecida com as dos outros jovens entrevistados. Eles têm medo de transitarem pelos bairros da cidade devido à falta de segurança pública. Outra justificativa foi a de que sua rede de sociabilidade ser próxima a sua residência. Seus amigos, geralmente são vizinhos e acabam fazendo programas próximos as suas casas. Porém uma questão colocada como fator importante no momento de escolha de lazer é a questão financeira. Questão essa que afirma as colocações de Castro e Gonçalves expostas anteriormente. Estes jovens, por vezes, decidem fazer programas próximos a suas residências pela falta de recursos para se locomoverem e/ou para financiar determinados eventos onde o acesso é pago.

“Na maioria das vezes a gente prefere lugares mais pertos, até mesmo pela acessibilidade e pela questão financeira” (D., 19 anos)

Os jovens entrevistados falaram sobre o acesso aos mais diversos meios de lazer e afirmaram que seu acesso não é igual para todos e que os locais de entretenimento não estão bem distribuídos na cidade.

“... tem certos pontos do Rio que as pessoas ficam impossibilitadas de sair por não ter nada muito perto

então, ..., isso podia ser melhor distribuído, esses lugares.” (L., 13 anos)

O investimento no lazer da população, principalmente a juvenil, é visto pelos entrevistados de forma restrita, inclusive aqueles que são de acesso livre (gratuito), e deveriam ser realizados com mais freqüências para que essa parcela da população tivesse opções de se distrair.

“Essas iniciativas (de shows de graça ou a preço acessíveis) deveria ser tomadas com mais freqüências por que iam incentivar mais agente a fazer programas mais alternativos”. (M. L., 16 anos)

Esses relatos vão de encontro ao que Brenner (2005) demonstra em seu artigo em que *“é preciso favorecer o acesso a espaços, equipamentos, instituições e serviços de cultura e lazer que alarguem as possibilidades culturais de escolha no tempo livre para todos os jovens brasileiros.”* (Brenner, 2005: 210)

Segundo essa autora é preciso uma política democrática em que amplie a capacidade crítica dos jovens através da cidadania cultural. Isso só será possível quando os espaços de cultura e lazer forem postos na perspectiva de direito, direito cultural que *“implica criar condições de produção cultural, esta compreendida como acesso a produtos, informações, meios de produção, difusão e valorização da memória cultural coletiva”*. (Brenner, 2005:177)

Mesmo o lazer sendo um direito constitucional assegurado, seu acesso, está mediado por relações de mercado e isso ficou evidente durante as entrevistas com os jovens que apontaram os locais privados (pagos) os mais freqüentados. Com exceção da praia e da Lagoa. Isso comprova a relação direta entre sociabilidade e a capacidade de consumo dos jovens e de seus familiares. Questão essa que será debatida no próximo segmento deste trabalho.

d. Juventude e Consumo

Por ser o consumo um assunto que afeta as relações à questão da sociabilidade e um fator que está presente na sociedade moderna além de, particularmente, afetar a juventude contemporânea, nesta parte do trabalho se discutirá este assunto com relação aos jovens entrevistados.

A sociedade contemporânea, caracterizada pela cultura do consumo, tem suas bases em *“práticas sociais relacionadas não somente ao ato de adquirir bens, mercadorias e experiências, como também à criação e perpetuação de desejos em relação ao que não se tem.”* (Castro, p.57-58)

Neste sentido, a cultura de consumo consiste, sobretudo, num componente ativado pela ausência de algo. Os seres humanos são sujeitos de necessidades, então, susceptíveis às novas “necessidades” de consumo, já que as possibilidades de se criarem novos significados culturais e novos bens simbólicos são ilimitadas. Essa relação entre o querer e a necessidade de ter proveniente da cultura do consumo já se encontra intrínseca à sociedade atual. Com isso, o jovem de hoje nasce neste meio cultural e, por isso, consciente da demanda de consumo que se renova constantemente.

“Filhos da tecnologia, da mídia e da massificação da cultura, os jovens parecem encarar com naturalidade estas transformações. Enfim, o mundo atual como hoje se lhes é apresentado não parece como radicalmente ‘diferente’, ‘antinatural’ ou ‘artificial’, mas, sobretudo, evidente e natural.” (Castro, 1998:56)

Os grandes centros urbanos concentram os maiores redutos da cultura de consumo, onde as mercadorias, as imagens e corpos estão em constante transformação. A procura do novo e do diferente faz com que os sujeitos consumam cada vez mais, troquem rapidamente signos e imagens que saturam a vida

cotidiana. O homem e a mulher contemporânea mudam constantemente acompanhando o fluxo veloz de mercadorias e imagens. (Lehman et al, 1998).

Assim, a forma como a pessoa se veste está integrada ao modo de viver e ao grupo que ela pertence, é a forma de identificação com esse meio que vai estabelecer sua vestimenta assim como se o indivíduo faz parte ou não daquele meio social.

“Os jovens mostram-se atentos as imagens que têm, não tratam a roupa e o corpo de uma forma ingênua ou desavisada, tem consciência que esta pode permitir o trânsito pelos espaços que querem frequentar, ou impedir sua circulação. O jovem da atualidade não absorve um estilo por tradição, mas faz uma escolha de estilos.”
(Lehman et al, 1998: 132)

Isso nos faz pensar a vestimenta *“como signo de pertencimento ou de exclusão”* (Afonso, 1998: 129), o que nos *“remete à imagem e a estética na cultura do consumo”* (Lehman et al, 1998:129). Essa estetização induz, cada vez mais, à obtenção de artigos de consumo e lazer. Uma jovem entrevistada, em sua fala, afirma esse exposto:

“Você compra uma ideologia quando você compra uma roupa,..., você mostra também sua personalidade pela roupa” (G., 16 anos)

Durante as entrevistas com os jovens, este processo de identificação ficou bem nítido quando perguntado se eles fazem compras com frequência, independente do produto, e a maioria confirmou. Alguns chegaram a declarar que costumam comprar mercadorias de uso simbólico com frequência, principalmente as jovens do sexo feminino.

Desta forma, afirmando o exposto anteriormente, os grupos sociais acabam sendo diferenciados pelo estilo de vida que tem, as roupas e artigos que consomem, sendo traçado seu perfil sobre esses fatores e sendo estes também motivos de exclusão a certos bens culturais e espaços da cidade.

A forma como o jovem se veste e cuida de sua aparência vai determinar o grupo que pertence, a que tipos de lugares que frequenta, quais os seus interesses.

“Estar nesse grupo implica compartilhar coisas que podem ser emoções, pensamentos, atividades” (Lehman et al, 1998).

A forma de se vestir e a sua aparência em um determinado grupo são maneiras de se expressarem perante o restante da sociedade. Nas entrevistas realizadas isso fica presente nas falas dos jovens que afirmam se vestirem parecidos com os amigos do grupo que convive. Essa constatação aparece tanto nos jovens entrevistados de classe média, quanto nos de baixa renda.

“Agente sai com quem agente se identifica, ..., é muito nítido perceber as diferenças, por exemplo o estilo de blusa que todo mundo usa.” (M. E., 15 anos)

“É igualzinho, tudo mundo anda igual”. (C., 18 anos)

“As meninas sempre se vestem muito parecidas” (M. L., 18 anos)

Embora os jovens afirmem que suas vestimentas são parecidas com as de seus amigos, eles também relataram que existem outros fatores que os levam a andar com aquele grupo e mais, não só tem um grupo de amigos e as pessoas com quem se relacionam. E estes variados grupos com quem o jovem se socializa nem sempre têm a mesma maneira de se vestir que ele. A despeito disso, nas falas dos jovens ficou claro que esses amigos que não se vestem semelhantes a eles, não

sejam aqueles com que eles tenham um grau de afinidade maior, além de não serem integrantes do grupo que costumam passar mais tempo juntos.

“Se você tem determinados amigos é porque você tem certas semelhanças, tem certas identificações como, por exemplo, meu grupo de amizades agente mais ou menos pensa da mesma maneira, óbvio cada um tem seus estereótipos, mas mais ou menos igual, mas você também não pode ficar limitado a isso, você tem que abri sua cabeça, seus horizontes. Eu convivo com pessoas também que se veste completamente diferente de mim, pensam completamente diferente de mim, mas assim com algum ponto em comum. Mas engraçado esses não são os meus melhores amigos, não são os que eu mais convivo mais saio. (P., 16 anos)

“Tem algumas amigas que andam comigo que tem o mesmo estilo que o meu, tem outras que são diferentes, que eu não colocaria em mim, mas eu acho bonito, não são exatamente os mesmos tipo de gosto assim”. (E., 14 anos)

Castro (2004), em sua pesquisa, relata que os jovens podem fazer parte de determinado grupo por diversas razões como: afinidades e gostos em comum, opção sexual, classe social dentre outras.

*“Não existe essa história de pertencer a um só grupo”
(Castro, 2004:177)*

De acordo com Peregrino (2003), os jovens de baixa renda no momento de festa usam símbolos comuns (dança, roupa, gíria) como objetos de identificação ao grupo e para se expressarem suas vontades, reivindicações e realidades. Essa identificação não ocorre apenas com os jovens de baixa renda, mas também com os de classe média. O uso de roupas, acessórios ou formas corporais semelhantes são formas de serem aceitos pelo grupo, assim como fazer parte deles.

Segundo Sansone (1990), a população de baixa renda encontra-se, hoje, pauperizada, porém mais informada em relação ao mundo que a cerca. Assim, ela diz que as expectativas em relação à qualidade de vida se aproximam entre as

diversas classes sociais, embora a oferta de oportunidades e acesso a certos bens de consumo ainda continuem divergentes e impedem o avanço dessas expectativas.

“A marca do que se veste e como se veste, pode se apresentar como sinal de ‘como a pessoa é’, à qual categoria social ou grupo ela pertence”. (Lehman et al. 1998:129)

Nas falas dos jovens de baixa renda, alunos do turno noturno, verificou-se que alguns destes alunos, embora pertencendo à classe social de menor poder aquisitivo, prefere comprar roupas de grife às que têm os preços mais acessíveis a sua condição de renda. Suas justificativas vão da qualidade do produto ao fato de ser uma marca conhecida, além do status que esta pode promover.

“Eu nunca usei roupa de rua não, se for para comprar alguma roupa que seja boa e de marca também.” (A., 17 anos)

“Quem não gosta sim, quem não gosta de comprar uma roupinha mais (de marca)” (D., 19 anos)

Essa questão de preferência por roupas de marca fica mais nítida e aparece com maior frequência nos discursos dos alunos do diurno, de classe média, sobretudo quando alegam que preferem comprar produtos de grife a produtos mais populares. Suas justificativas são as mesmas dos alunos do noturno, qualidade e status.

“Eu não posso dizer que não gosto de usar marca, todo mundo gosta” (M. E., 15 anos)

“Eu não sou muito de comprar, mas quando compro gosto de comprar bem, roupa de marca.” (J., 16 anos)

“Tem essa cultura do surf, então as marcar de surf são as mais procuradas, até mesmo pelo material”. (L. B., 16 anos)

“Quando você vai numa loja de marca e tem uma coisa que você não acha muito bonita e você não gosta aí você fala que é o estilo da blusa, agora de você visse em

qualquer outra loja simples você diria que coisa horrorosa, que coisa brega, porque é daquela marca você tende a falar que é o estilo". (L., 18 anos)

"Tem gente que nem entra em algumas lojas que não seja a de marca". (C., 17 anos)

"Quando eu viajo que eu compro mais roupas e acabo comprando lá que é mais barata e acabo só usando marca". (C., 18 anos)

Entretanto, vários alunos do noturno e do diurno disseram não se importar com grifes. Alguns entrevistados relataram que assim como a moda pode ser um fator que leva a compra de produtos de marca, a mesma pode ser um fator que induz a compra de produtos mais acessíveis e isso, segundo os jovens, se deve ao fato de a moda estar sempre em mudança e para poder estar sempre usando um produto do momento é preferível comprar aquele que é mais barato.

"Eu sou mais pelo design na roupa que pela marca, (...), a mulher geralmente é muito mais ligada à moda, então, por exemplo, eu raramente compro uma roupa de moda muito cara, eu vou pagar mais barato porque na próxima coleção eu vou querer comprar mais roupa então eu evito comprar roupas muito caras que eu sei que vão sair de moda". (M. E., 15 anos)

"O que eu gosto eu pego e compro, não ligo muito para marca". (A. C., 17 anos)

"Eu vejo também pelo preço, tem coisas que são muito caras". (M. L., 18 anos)

A cultura do consumo tem, na mídia, um veículo de divulgação dos produtos e de influência na hora da compra dos jovens.

"A cultura do consumo apoiada nas imagens veiculadas pela mídia onde anúncios e propagandas de produtos integram o nosso cotidiano, desencadeou um processo pelo qual o lugar dos jovens na cultura foi re-definido engendrando novas práticas culturais que confrontam a posição social que este tem ocupado na sociedade moderna." (Castro, 1998:59)

A mídia exerce uma função de colocar o jovem num lugar diferenciado. Quando o declara como consumidor, mesmo sabendo que a aquisição dos produtos se dará por meio dos responsáveis já que estes não possuem renda, o jovem acaba ganhando uma posição quem em outras situações ele não tem. Ele deixa de ser visto como um sujeito em fase de transição entre a fase infantil para a fase adulta e é visto como capaz de comprar aquilo que deseja. Essa lógica do consumo vê o jovem como indivíduo capaz de tomar suas decisões sem o aparato dos adultos sendo isto, uma jogada para poder “vender mais” seus produtos. O exemplo disso são as indústrias de álcool.

“O alvo principal (mas não exclusivo) das grandes indústrias de álcool é a população jovem. As razões dessa escolha não são mais perversa que a lógica já perversa do mercado livre: concentra-se maior energia na população que mais tem potencial de aumentar o consumo e é sensível a mensagens que associem uso desses produtos a uma identidade geracional”. (Carlini-Marlatt, 2001;305)

As estratégias de marketing dos produtos voltados para a juventude são variadas para atingir seu público alvo. Eles percebem o jovem com uma faixa etária homogênea e, portanto, necessitam de propagandas diversificadas para atrair esses consumidores.

“(...) entendem a importância de oferecer produtos jovens com imagens diferentes; reconhece, nas suas campanhas de marketing, a necessidade de os jovens de serem levados a sério (mas com humor e irreverência) e exploram conflitos geracionais sob a ótica dos mais jovens.” (Carlini-Marlatt, 2001;305)

Os jovens entrevistados confirmam que a propaganda pode induzi-los a comprar determinado produto.

“Quando você vai comprar um xampu, você acaba comprando aquele que você já ouviu falar. Você não vai comprar aquele desconhecido”. (C., 17 anos)

“Quando você compra uma roupa daquela marca você compra aquele estilo.” (L. F., 17 anos)

“A propaganda te lembra do produto e te dá vontade de comprar e aí você acaba comprando”. (M. E., 15 anos)

“O que é bem anunciado chama a nossa atenção.” (M. L., 16 anos)

“A propaganda é muito essencial, é ela que vai mostrar o que o produto faz, como ele é e tal.” (E., 14 anos) “

Segundo esses relatos, a mídia acaba sendo importante, pois é ela que vai mostrar como é o produto e a preferência por este e não a de outro similar.

Como visto, o consumo está muito presente no cotidiano dos jovens de ambas as classes sociais. A necessidade de adquirir produtos, de estar na moda, faz parte da vida desses jovens. Identifico, assim, essa questão do consumo na juventude como forma de identificação ao grupo social em que está inserido, como forma de diferenciação a outros grupos e afirmação de sua posição dentro da sociedade moderna.

e. Juventude e Drogas

O uso de drogas e sua dependência são percebidos como caso individual, sem uma contextualização, sendo visto como um problema do indivíduo que deve ser exterminado. Essa forma de tratar o indivíduo que usa drogas acaba dificultando a intervenção e sua generalização.

A mídia contribui para esse pensamento na medida em que estigmatiza o usuário de drogas, agindo de forma preconceituosa nos mais diversos tipos de exibição. (Zaluar, 1994.)

“O conceito equivocado de ‘dependência química’, bastante absorvido pelo senso comum, faz supor apenas a ação do produto psicoativo na gênese do uso indevido. Não se leva em conta que a dependência de drogas resulta do ‘encontro de um sujeito, um produto, e um meio sociocultural’” (Acseirad, 2003: 181)

A representação que as drogas apresentam dentro de cada cultura faz com que haja uma maior ou menor tolerância em relação a elas. E esta tolerância é também gerida pelo fato de se vincular imagens positivas ou negativas a respeito dos diferentes entorpecentes químicos.

Os estudos sobre esse assunto não constituem uma produção recente, há tempos se fazem pesquisas sobre drogas, porém a maneira como ela é abordada se diferencia de acordo com o contexto histórico.

Como sugere Garcia (2003), *“o uso de drogas acompanha a trajetória do homem em sociedade e por isso deve ser entendida do ponto de vista sociocultural”*. (Garcia, 2003:201). Não que se pretende defender o uso de drogas, mas para analisá-lo é de fundamental importância levar em consideração a contextualização do indivíduo dentro do mundo que o cerca. Quando o assunto são drogas lícitas ou ilícitas deve-se levar em conta a época a qual nos referimos. É preciso analisar a representatividade do consumo de drogas para aquele indivíduo, naquele momento e lugar e compreendê-la enquanto um *“mediador por meio do qual se faz uma necessidade específica, uma necessidade social”*. (Garcia, 2003:201).

Sabe-se que o uso dessas substâncias químicas é utilizado em vários momentos da história humana, exemplo disso foi o hábito de fumar maconha nos anos 60 por cidadãos das classes médias. (Velho, 1994).

Entretanto, a compreensão que atualmente temos de tal atitude é banalizada e generalizada, associada sempre à violência e consecutivamente à perda de valores.

O que ocorre na sociedade brasileira é uma cultura forte de repressão quanto ao uso das drogas. No Brasil o usuário de drogas pobre é visto como indivíduo marginal, sendo discriminado e visto como alguém que deve ser reprimido e recluso.

“Hoje, a generalização e a banalização do uso, a violência envolvendo sua produção, venda e tentativas de sua erradicação constituem um cenário de perda da cultura de valores e controles coletivos de uso que, em outras épocas e espaços, foram capazes de conter os danos à saúde, à sociabilidade” (Acselrad, 2003: 180)

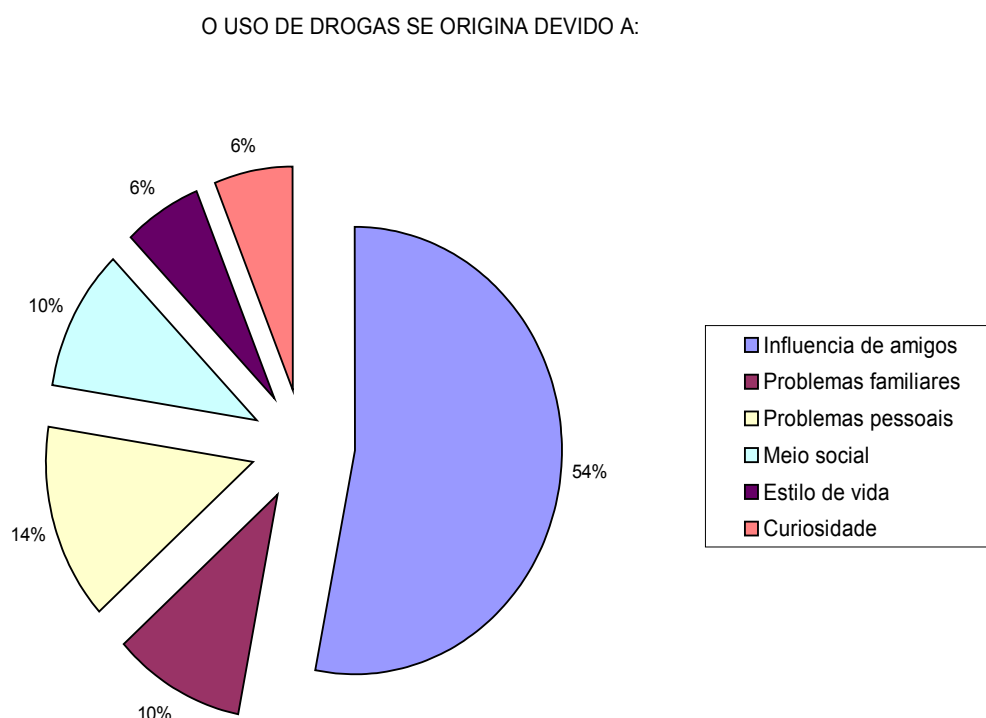
A droga passa a ser vista como a causadora de outros males, além daquele que ela representa. Esta maneira de tratar situações mais complexas elencando como responsável o uso de drogas possibilita o não enfrentamento das questões que necessitam de debates mais extensos como *“padrões de sociabilidade intra-familiares, critérios de inserção social e de acesso a bens e serviços coletivos, realização pessoal e consumo, entre outras.”* (Garcia, 2003:199)

Apesar de uma política repressiva ao combate de drogas como a brasileira, evidencia-se um aumento no consumo de drogas, principalmente entre a população juvenil. Porém não se pode concluir que os usuários de drogas sejam iguais e utilizem da droga pelos mesmos motivos.

Estudos mostram que existem vários graus de envolvimento com as drogas, seja nos momentos de lazer e diversão, seja para definição de um estilo de vida, seja da identidade individual, seja como fuga de problemas pessoais e familiares, entre outros. Porém, de acordo com os entrevistados, o que mais leva ao jovem se envolver com as drogas são as influências oriundas das amizades, são nos

momentos de diversão e lazer com os amigos e, às vezes, sob pressão destes que os adolescentes começam a consumir as drogas. Seguido, vem o fator problemas pessoais como um dos motivos que leva o jovem ao uso de drogas como segue o gráfico abaixo.

Gráfico elaborado a partir das análises das entrevistas com os jovens.



Também há várias formas de uso: habitual, ocasional, experimental, dependente, que embora não sejam esclarecidas pelos programas de prevenção as drogas são consumidas de maneiras diferenciadas que podem ou não levar o usuário a alguma alteração em seu estado de saúde. (Karan, 2000). Portanto, não se deve generalizar o usuário de droga nem julgá-lo dependente químico apenas por

fazer uso de entorpecentes como ficou exposto em algumas falas dos jovens entrevistados.

“Não tem essa de provar, foi uma vez já era”. (L., 15 anos)

Outra questão que deve ser considerada é o público que faz uso das drogas. Essa utilização não é exclusiva de uma classe social, embora a discriminação ao uso recaia sobre determinado segmento. Isto é, os jovens pobres que usam drogas estão sujeitos a serem tratados de forma repressiva ou contrária dos jovens de classe média e média alta que fazem uso da mesma substância.

Partindo do ponto de vista sócio-cultural da sociedade brasileira sobre o uso de drogas e sua aceitação/proibição as entrevistas realizadas buscaram averiguar o olhar dos adolescentes sobre a visão dos jovens frente à conceituação das drogas, o que eles entendem como tal e quais seriam esses produtos.

Primeiramente os jovens relataram como droga algo que pode te prejudicar fisiologicamente e que induz a dependência. Eles incluíram desde um remédio comum até as drogas ilícitas.

“Tudo que acaba viciando, desde um remédio até a maconha”. (M. L., 16 anos)

“A droga é algo que vai te prejudicar”. (G., 15 anos“)

Os jovens mostraram-se abertos à discussão sobre esse tema muito embora eles não tivessem muito conhecimento sobre o assunto. Segundo Karam (2000) em seu artigo sobre educação para autonomia, os programas de drogas são raros como os próprios entrevistados afirmaram. Em sua maioria estão voltados a falar sobre como o produto psicoativo atua no sistema nervoso, ou seja, os malefícios que o uso de drogas pode causar a saúde do usuário, buscando sempre uma

“conscientização” do mal que o uso abusivo de drogas pode causar sem discutir a “relação entre o uso de drogas e as condições sociais de vida da comunidade” (Karam, 2000:173) e abrir espaço para conversar sobre o assunto e levantar alternativas de mudança. Os jovens entrevistados relataram que as palestras que são oferecidas no Colégio não os contemplam totalmente sobre o assunto.

Entretanto, sabemos que a escola não é o único local onde se deve ser discutido e esclarecido o tema. Portanto, foi perguntado se eles conheciam ou tinham algum outro espaço de discussão sobre questões como a do uso de drogas. A revelação interessante foi que uma grande parte dos entrevistados, quase 50%, declarou não ter outros locais de discussão exceto o Colégio. Esses relatos foram expostos tanto pelos alunos do curso diurno quanto pelo noturno.

Espaços de discussão sobre as drogas exceto o Colégio.	Alunos do curso diurno	Alunos do curso noturno
Família	16	4
Rede de amigos	8	2
Não tem	15	4
total	39	10

Essa falta de esclarecimento foi colocada por um dos jovens entrevistados como uma questão importante para entender melhor as causas e os efeitos do uso abusivo de drogas lícitas ou ilícitas. Busca desmistificar a concepção que a sociedade tem e propaga sobre o tema e procura tratar a droga como algo inerente

à sociedade moderna deixando de ser um tabu. O entrevistado começa seu discurso falando sobre a legalização das drogas e depois entra na questão da informação.

“Eu acho que se o álcool é liberado pode liberar as outras. Mas eu acho que tem que ter muita propaganda encima disso divulgando os efeitos colaterais verdadeiros, porque falam muita balela sobre vários tipos de drogas querendo forçar você a não usar quando na verdade, às vezes, é uma coisa inofensiva, é porque a maconha é proibida por causa das ocorrências porque na verdade os malefícios que ela traz são muito menores do que o cigarro. As pessoas acham o cigarro o máximo e a maconha uma droga. (...) Tem que deixar de ser um tabu e se conhecer o que se está lidando.” (G., 16 anos)

Outra questão colocada para exame dos entrevistados foi sobre o álcool e o cigarro como drogas legalizadas. A maioria confirmou a afirmativa acima.

“O que é a droga? É uma substância que te tira do seu eixo de padrão normal. Tira seu total controle. O álcool te tira do controle e o cigarro também. Qual o problema aí? O usuário saber lidar ou não, esse é o ponto da historia.” (B., 16 anos)

“Eu acho o cigarro muito mais perigoso”. (A., 17 anos)

“A questão do álcool e do cigarro seria fisiológica, porque cigarro faz mais mal que a maconha, a quantidade de coisas que você pode pegar fumando cigarro é maior que fumando maconha.” (B., 17 anos)

“Eu considero e são drogas que eu uso porque eu bebo, (...) é droga lícita, mas é droga, leva as pessoas a várias coisas”. (D., 19 anos)

“Eu acho uma hipocrisia porque na verdade maconha também é, todas essas drogas são e eu acho que o álcool e o cigarro também são drogas só que como são legalizadas a gente tem essa coisa de, a tomo um pouquinho e não tem problema.” (M. E., 15 anos)

Segundo uma pesquisa realizada pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas) realizada em 2005 o uso de Álcool na vida dos entrevistados nas 108 maiores cidades do País foi de 74,6%; o de Tabaco teve uma prevalência de 44,0% da população; o de Maconha 8,8%.

Esses dados mostram que o álcool, seguido pelo cigarro, são mais consumidos que as drogas ilícitas, entretanto estão liberadas ao consumo. Ainda que haja uma restrição etária para o consumo de álcool e cigarro observa-se, inclusive com os relatos dos jovens entrevistados, um fácil acesso a esses produtos por parte dos jovens e crianças menores de 18 anos.

“A gente sai e mesmo tendo 15 anos rola muita bebida, então as pessoas bebem e tal.” (L., 15 anos)

Entretanto, houve alunos que não consideraram o álcool e o cigarro como drogas e afirmaram fazer uso de uma ou de ambas as substâncias.

“Eu não acho não, até porque eu uso. Saio direto e bebo, bebo em casa tranquila.” (C., 18 anos)

“Particularmente eu acho que cigarro e álcool não é uma droga, não sei, acho que não”. (M., 18 anos)

Alguns entrevistados justificaram o uso abusivo de álcool e cigarro de acordo com a frequência que se faz uso. Segundo eles, é mais fácil se tornar um viciado em cigarro, pois se consome tal a qualquer hora do dia em qualquer lugar ao contrário do álcool. Eles relataram que o uso do álcool está muito associado ao momento, à ocasião, por exemplo: numa festa, saindo com os amigos ou com familiares. Outras questões que eles colocam como diferenciadores entre o uso destas substâncias e das drogas ilícitas é a frequência com que se faz o uso e, principalmente a legalidade destas. O fato de poder consumir o álcool ou o cigarro em qualquer hora, lugar ou situação possibilita uma aceitação e um maior consumo que as drogas ilícitas.

“A bebida acabou se tornando algo social, você sai para beber com os amigos, num jantar de família você bebe, entendeu.” (J., 16 anos)

“Eu nunca experimentei nenhuma droga, a única coisa que eu não encano é beber, essas coisas, (...) quando a gente sai com os amigos a gente bebe um chopp, conversa, nada além disso.” (B., 16 anos)

De acordo com Garcia (2003:201):

“A droga não deve ser entendida simplesmente como um entorpecente, componente químico que produz sensações específicas no corpo biológico. Mas principalmente como recurso mediador, um artifício por meio do qual se satisfaz uma necessidade específica, uma necessidade social”.

Como observado nos discursos dos jovens entrevistados, embora eles reconheçam os malefícios do uso abusivo de drogas seja elas proibidos ou não e que alguns tenham uma visão mais esclarecida sobre o assunto, percebe-se que grande parte dos jovens reproduz o discurso repressivo e moralizante sobre essas drogas e os drogaditos. Isso é plausível pelo fato deste comportamento estar intrínseco à nossa cultura e os adolescentes por fazerem parte deste meio acabam reproduzindo esse pensamento.

O uso de drogas sempre foi percebido através de uma cortina que unifica os usuários, atribuindo-se uma identidade que torna homogênea uma diversidade heterogênea.

Uma proposta alternativa ao modelo repressivo e moralizante segundo Garcia *“deve ser baseada na aceitação da prática da drogadição com uma prática que tem seus encantos”* (2003:208). Considerando um tema que deve ser debatido por todos e deixado de ser um tabu. A ideia da droga como o mal que tem seus encantamentos apresenta-se como um convite à reflexão através de suportes protetivos e sem excluir os envolvidos com o uso. Essa ideia em momento algum busca uma apologia ao uso nem a proibição do mesmo. É uma tarefa para todos os

membros da sociedade visto que valores e praticas não são privilégios de uma única instituição social (Garcia, 2003).

f. Juventude e Violência Urbana

A violência é, cada vez mais, um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e no privado. Devido à sua generalização não existem mais grupos sociais protegidos ainda que alguns tenham mais condições de buscar proteção institucional e individual. Entretanto, considerando-se modalidades de violência, ela pode se acentuar por gênero, idade, etnia e classe social, independentemente se como vítimas ou como agentes.

A noção de violência é, por princípio, ambígua. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro.

“De início é preciso dizer que a violência não é alguma coisa peculiar à nossa época ou à nossa sociedade. Em todas as sociedades, em todas as épocas ocorrem ações que se podem caracterizar como violentas já que apelam para o uso da força bruta, seja através de que instrumento força, ao invés de apelar para o consentimento. O que varia são as formas de manifestação e as regras sociais que as controlam.” (Zaluar, 1994:31)

De acordo com as mudanças no mundo do trabalho e as transformações do processo de industrialização impactando na cultura e na simbologia dos cidadãos (Maia, 2003), as cidades têm passado, e continuam passando, por um “processo de complexificação”. Este processo se explicita não só com o aumento da população habitante, mas principalmente, no surgimento de *“uma multiplicidade de atores, de*

identidades, de lógicas, de relações e conflitos, de pedaços³ e por isso mesmo, de possibilidades de análise” (Maia, 2003). Dessa forma, a cidade pode ser vista e analisada de diversos ângulos mudando assim a apropriação de cada um do cenário social.

“Firmou-se no imaginário social a associação entre a juventude e as grandes questões de cada tempo: no século XXI, quando grassam as preocupações com o individualismo exacerbado e a criminalidade crescente, o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana”. (Gonçalves, 2005: 208)

A violência, em suas inúmeras modalidades e expressões, vem se tornando, em anos recentes, um dos problemas que mais angustia esta sociedade, quer seja devido à divulgação de fatos do cotidiano ou dados estatísticos, ou a uma sensação difusa de insegurança e desconfiança que se propaga.

Gonçalves (2005) relata que esse vínculo entre a juventude e a criminalidade, existente durante os anos 20 pelo funcionalismo, ainda permanece até os dias atuais em textos que divulgam um modelo de controle da criminalidade voltado na atenção aos pequenos delitos e os jovens transgressores.

Entretanto, não são apenas jovens das classes populares que foram “socializados sob a vigência da ‘cultura do medo’” (Novaes, 2003:120). Os jovens de classe média que não residem nas áreas pobres da cidade também foram orientados a identificar o perigo, fugir de situações de risco (assaltos, por exemplo) e a controlar a sensação de medo.

“Um dado que não pode ser esquecido é a sensação de medo generalizado do “outro”, existente atualmente nas grandes cidades brasileiras”. (Filho et al, 1992:47)

³ Idéia de pedaço construída por Magnani como **“espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares (...)”**.

Como dito anteriormente, apesar do fato de a violência não estar mais limitada a estratos sociais, econômicos, raciais ou geográficos, levantamentos estatísticos demonstram que ela atinge com maior intensidade a grupos específicos como, por exemplo, os jovens em particular os do sexo masculino.

Para o caso do Brasil, estudos da UNESCO ressaltam que nas principais capitais cerca de 60% das mortes da população entre 15 a 25 anos, sobretudo de jovens pobres, seria por homicídios, suicídios e acidentes de transporte. Por serem essas as formas que mais atingem o universo juvenil, além de outras formas de violência como o seqüestro, assalto, furto ou roubo, além de uma muito presente aos centros metropolitanos que é o conflito armado entre policiais e traficantes que foi construído o questionário para os jovens. Buscou-se saber desses jovens como eles se sentem frente à violência cidadina, quais são as medidas de segurança tomadas por eles, o que seus pais acham disso e qual o entendimento deles perante a ação do Estado junto a Segurança Pública.

Os jovens entrevistados disseram se sentir desprotegidos na cidade onde residem, no caso o Rio de Janeiro, principalmente nos espaços públicos e tentam, cada um de sua maneira, se proteger das várias formas de violência.

“Eu não ando de ônibus, venho até hoje de transporte escolar para o colégio, quando saio com os amigos meus pais costumam me levar e buscar. Quando eles não podem me dão dinheiro para andar de táxi, eles acham mais seguro e eu também.” (L., 15 anos)

“Eu acho que uma das medidas (de segurança) é evitar usar marca, evitar usar aparelhos mais modernos de celular, ipod” (L., 15 anos)

“Se não tivesse violência na rua minha mãe deixaria eu andar sozinha, seria muito diferente.” (A. L., 13 anos)

“Você fica impossibilitada de fazer várias coisas por causa da violência”. (L. P., 13 anos)

“Cada vez mais você vê as pessoas voltando mais cedo para casa, antes você via várias pessoas na rua a noite, hoje em dia não.” (V., 13 anos)

Os alunos, em sua maioria, relataram que acabam deixando de usar seus bens materiais, como: celular, ipod, mp3 entre outros quando têm que transitar pelas locais públicos da cidade como forma de segurança. Para eles, usar esses produtos em transportes ou locais públicos chama atenção daqueles que podem vir a cometer o assalto.

“Se eu quiser usar meu Ipod quando venho para o colégio e tenho que voltar de ônibus, eu tenho que escondê-lo debaixo da blusa.” (M. E., 15 anos)

“A violência não está só no morro, nas favelas, tá em todo lugar da cidade, você vê um roubo daí você fica com medo, o que aconteceu com aquela pessoa pode acontecer com você”. (A., 16 anos)

Entretanto, alguns jovens não aprovam esse tipo de atitude, de privação do uso de seus bens em detrimento de “não ser assaltado” e relataram que é uma falta *“de liberdade não poder usar o que é seu.” (J., 16 anos).*

“A gente tinha que ter o direito de ter um rolex e sair andando por aí, eu acho que a situação de violência chegou a um ponto absurdo que a pessoa não pode ter nada que tem que privar da vida dela, eu acho um absurdo”. (M. L., 18 anos)

Nas entrevistas os jovens também disseram que seus pais os aconselham a não freqüentar certos locais, que são considerados vulneráveis as várias formas de violência, assim como não permanecerem fora de suas casas até altas horas e se possível, sempre andarem com grupo. Essas falas se repetiram com mais freqüência nos jovens com faixa etária entre 14 e 16 anos. Os jovens acima dessa

faixa etária também afirmaram que procuram andar em grupo, principalmente à noite e que devido à violência deixam de freqüentar certos locais da cidade, porém, segundo os relatos, seus pais não os restringem em termos de circulação pela cidade, mas procuram aconselhá-los a tomarem cuidado com a violência quando estão fora de casa.

“Eles (os pais) preferem muito mais pagarem o dinheiro no táxi que no ônibus, mesmo pagando mais dinheiro eles preferem ter a certeza que não vai acontecer nada.” (L. V., 13 anos)

“É difícil mas, a gente não pode deixar que a violência do Rio manipule as nossas saídas, a nossa vida, existe isso e pronto, existe violência e não vai mudar nem tão cedo, então é chato mais não dá para ficar a vida inteira com essa tensão, com esse medo”. (L., 18 anos)

Os jovens entrevistados embora majoritariamente oriundos da classe média e média alta afirmaram que a violência sofrida por eles é diferente das que os jovens de baixa renda sofrem, pois, de acordo com os entrevistados, os últimos convivem com a violência quase que diariamente do conflito entre traficantes e polícia.

“Eu acho que a violência afeta a nós e ele, afeta principalmente eles, os menos favorecidos, que estão lá no morro e são obrigados a conviver com essa violência, (...), a gente perde um relógio, um Ipod eles perdem a vida. Exemplo um garoto de escola pública você não sabe mais ele vai para casa e não pode subir porque está tendo tiroteio, matam o pai dele, matam a mãe dele. Eu acho que eles são mais vítimas que nós.” (J. P., 16 anos)

“Tem esse negocio de classe, quem mora na favela convive com tiroteio, volta e meio tem alguma morte e a gente é o que, a gente é assaltado, eu acho que mal ou bem a gente tá um pouco mais protegidos do que eles, porque eles dizem que ninguém na favela assalta ninguém, óbvio que assalta, além do tiroteio e tudo isso, policial que invade assim as casas, eu acho que tem muita coisa de classe social, eu acho que os mais pobres são mais afetados. (M. L., 18 anos)

Um jovem entrevistado também afirma o exposto anteriormente quando, em sua fala, diz que, ao ir para casa à noite, não sabe o que pode acontecer, uma vez que os policiais estão na entrada da favela e os traficantes circulando pelas proximidades de sua casa.

“Eu moro em comunidade e eu subo a noite e não sei o que vou encontrar, os policiais na subida e os bandidos pertinho deles conversando.” (D., 19 anos)

Segundo Fraga (2004), os sujeitos acabam produzindo uma fala sobre:

“O crime e a violência, cujo contorno mais acabado expressa-se na sensação de insegurança e atua como elemento organizador da paisagem urbana e do espaço público, ajudando a violência a se proliferar, auferir cercanias particularistas e exclusivistas”. (Fraga, 2004:82)

O sentimento de poder ser afetado por eventos de natureza violenta, segundo Caldeira apud Fraga (2004) acaba levando os setores médios e altos dos centros metropolitanos brasileiros a se enclausurarem em condomínios fechados, não somente para se proteger da violência, mas privilegiando o espaço privado em detrimento do público. Essas ações fazem com que questões como a segurança, historicamente atribuídas ao Poder Público, ganhe nesses espaços status de questão privada. Isso se evidencia na fala dos jovens que vêem esses grupos residenciais como lugar seguro para se morar, ao contrário das comunidades de baixa renda que estão mais vulneráveis a múltiplas formas de violência e até mesmo a casa e apartamentos que não tem um sistema de segurança efetivo.

“Tem muita gente que tem muita segurança no lugar onde vive (...) num prédio por exemplo, que tem porteiro.” (L.V., 13 anos)

“Na favela são muitas pessoas sujeitas a violência, tipo assim elas sofrem com a violência todos os dias, enquanto a gente aqui em baixo tem toda segurança e no total sofre o que, nem uma vez ao ano, por exemplo. Então a violência é muito maior para as pessoas que vivem perto da própria violência do que das pessoas mais protegidas.” (L. P., 13 anos)

“Eu moro em São Conrado e tenho a Rocinha e Vidigal muito perto de mim e tipo, nem sempre interfere muito isso não faz com que eu me sinta ameaçada porque eu moro num condomínio que tem segurança.” (R., 13 anos)

Quando questionados acerca da intervenção do Estado frente à questão da violência, os jovens se mostraram contrários às ações de repressão praticadas pelo mesmo. Para eles, é preciso investir mais na segurança pública e reformar o sistema em sua base, contudo eles afirmam serem essas medidas de longo prazo e que são necessárias medidas emergenciais. No entanto, as tomadas pelas instituições responsáveis não são aprovadas pelos jovens aqui entrevistados.

“Você tinha que reformar todo o sistema inicial, é uma coisa muito complexa. (J. P., 16 anos)

“Eles tentam intervir com violência e isso não é a solução.” (M. C., 15 anos)

Com isso, se torna necessário refletir sobre o papel do Estado quanto à legitimidade no controle da violência e a participação da sociedade civil no jogo democrático, além da importância de reformas na polícia e na justiça.

A percepção da complexidade da violência é acompanhada pela necessidade de diferenciar suas diversas formas que podem ser atribuídas às pessoas, a fim de buscar entender suas causas peculiares e orientar a busca de soluções para combatê-las.

Por fim, a ausência de controles institucionais efetivos propicia a presença de atos violentos. A deficiência dos sistemas judiciais, a falta de confiança da

população na aplicação e cumprimento das leis e a desconfiança com a polícia contribuem significativamente para o incremento de atos violentos.

4. Conclusões inconclusas

A partir da compreensão teórica e da análise das entrevistas realizadas com jovens de classe média, média alta e popular, este estudo teve como proposta inicial trazer para o plano de discussão o conhecimento a respeito dos valores e representações dos jovens acerca da juventude brasileira contemporânea.

Considerando a juventude como uma categoria socialmente construída de acordo com os contextos socioculturais onde ela se encontra. Analisando esta como um grupo heterogêneo que não deve apenas ser nomeado apenas pela sua idade biológica, mas levando em conta as condições sociais, regionais e culturais para definir essa categoria, averigua-se que não existe juventude e sim juventudes variadas conforme seu contexto social.

O trabalho analisou o universo juvenil brasileiro fazendo enfoque aos jovens residentes da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente dos alunos do Colégio privado Santo Inácio para conhecer melhor sobre o entendimento deste frente às questões que os interpelam como sociabilidade, consumo, drogas e violência. Buscou-se considerar efetivamente os jovens como sujeitos capazes de estabelecer questões significativas, de participar da elaboração de políticas públicas para sua categoria. Frente a estas questões analisadas algumas considerações foram esboçadas como tentativa de aproximação de um universo complexo e polissêmico.

A priori, a questão do local de residência dos jovens entrevistados aparece como um meio de serem bem recebidos pela sociedade e evita uma possível discriminação inicial devido ao seu local de moradia que se mostra como fator de reconhecimento. Isto mostra que os moradores de locais de baixa renda, assim como os jovens que residem nessas áreas, sofrem preconceitos de inúmeros

segmentos da sociedade devido ao seu endereço e sofrem as mais diversas discriminações por isso.

Com relação à sociabilidade verificou-se que embora haja investimento público na área de esporte, cultura e lazer, esta ainda se encontra muito pouco estimulada por opções apresentadas aos jovens nas diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro. Observa-se claramente que a grande maioria das alternativas de lazer e exercício de sociabilidade coletiva está localizada nas regiões onde há maior concentração de riqueza na cidade, dificultando o acesso dos jovens de baixa renda a esses locais e serviços devido a localização e poder aquisitivo. É necessário ultrapassar a relação existente entre sociabilidade e consumo, uma vez que os locais de diversão e lazer cada vez mais se concentram em lugares privados restringindo o acesso de todos. Os espaços constituídos para a sociabilidade juvenil como parques, clubes, praças e ambientes lúdicos são locais que além de propiciar diversão e entretenimento para os jovens são elementos fundamentais para o desenvolvimento pessoal, cultural, familiar e comunitário dos jovens.

A cultura do consumo se encontra intrínseca à sociedade moderna e, portanto, está muito presente no cotidiano dos jovens de ambas as classes sociais. Por isso na parte onde foi analisada a questão do consumo conferiu-se que a necessidade de adquirir produtos, de estar na moda, faz parte da vida desses jovens. Assim, essa questão do consumo na juventude é vista como forma de identificação ao grupo social em que está inserido, como forma de diferenciação a outros grupos e afirmação de sua posição dentro da sociedade atual. Diante da sociedade atual a necessidade de obtenção de bens se torna algo intrínseco ao indivíduo e, portanto, indissolúvel ao meio. Para fazer parte de algum grupo e até mesmo ter livre acesso a determinados lugares é preciso mostrar que se tem

condições para isso e a capacidade de consumo é um fator que facilita essa circulação.

Na discussão sobre drogas lícitas e ilícitas percebeu-se que o entendimento com relação ao uso e malefícios causados pelo uso abusivo de drogas ainda se encontra sobre um viés conservador de repressão às drogas e os seus usuários. Tais concepções foram reproduzidas pelos jovens que demonstraram pouco conhecimento sobre o tema. Os espaços de discussão sobre as drogas ainda são limitados e não produzem um espaço aberto de troca e problematização sobre o tema, restringindo-se, frequentemente, aos problemas patológicos de quem faz uso de tais substâncias. A amostra estudada se mostra dividida, embora não igualmente, em relação ao álcool e cigarro considerados como drogas e justificam o uso como algo legal e até mesmo como uma forma de socialização.

O Estado promove ações de proibição ao uso e não fornece meios de esclarecimento sobre as drogas além da discriminação que os drogaditos sofrem por esta instituição e por toda a sociedade. É preciso que esse tema deixe de ser um tabu e passe a ser debatido democraticamente por todos os membros o Estado e a sociedade.

No que tange a questão da violência é válido lembrar que esta é um fenômeno social que atinge governos e populações no público e no privado e também interfere na vida do jovem que, segundo estatísticas são os que mais sofrem com a violência. Estes acabam tomando medidas de segurança como andar em grupo, evitar transportes públicos e locais considerados vulneráveis a ações violentas como bairros de baixa renda, privação do uso de bens em locais públicos. Se sentem mais seguros em locais privados, afirmam que os jovens de classe

popular estão mais propensos as diversas manifestações de violência e não concordam com as atuações do Estado frente à segurança pública.

Em razão do impacto do problema da violência, é importante registrar que essa é uma questão muito ampla sendo preciso diferenciar suas variadas manifestações a fim de entender suas causas e nortear a busca de melhores maneiras para combatê-la vista a deficiência nos sistemas judiciais, na aplicação e cumprimento da lei e da segurança pública que se encontra sucateada.

Como visto, a participação dos jovens no processo de discussão, definição de prioridades, implementação e avaliação das iniciativas governamentais é de fundamental importância para as políticas juvenis. Eles não devem ser concebidos como meros alvos passivos dessas políticas e devem ser vistos como sujeitos capazes e principalmente os mais interessados nas políticas voltadas para a Juventude e por isso inclusos nesses campos de diálogos. Para tanto, este trabalho pretende, além de analisar este universo e dar espaço para as opiniões juvenis, trazer uma reflexão sobre o papel dos jovens no debate político brasileiro, ponderação para todos aqueles que direta ou indiretamente trabalham com políticas públicas, a exemplo dos assistente sociais, que priorizem a participação dos jovens como protagonistas do seu processo de desenvolvimento permitindo que eles contribuam para a problematização de seu cotidiano.

Encerrando este trabalho é importante ressaltar que estudo foi realizado junto a uma pequena parcela da população juvenil da cidade do Rio de Janeiro e muito menor se comparada com o perfil dos jovens em nível nacional. É por isso que as considerações aqui são pertinentes embora não representem a totalidade dessa

parcela da população mas servem como apoio para futuros estudos nessa área, uma vez que o estudo em questão não se finaliza aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis - punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Ed. Scritta, 1994.
- ACSELRAD, Gilberta. Políticas de Drogas e cultura de resistência. In: GARCIA, Joana et al. **Sociedade & Políticas. Novos debates entre ONGs e universidade**. Rio de Janeiro: Editora REVAN, 2003. p.179-197.
- ADORNO, Sergio. Criança: a lei e a cidadania. In: **A criança no Brasil hoje. Desafio para o terceiro milênio**. RIZZINI, Irene. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993. p 101-112.
- BRENNER, Ana Karina. DAYRELL, Juarez. CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional**. Abramo e Branco (organizadores), Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175- 241.
- CASTRO, Lúcia Rabello et al. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: **Infância e adolescência na cultura do consumo**. RJ. Nau, 1998. p. 125-140.
- _____. Consumo e a infância barbarizada: elementos da modernização brasileira? In: **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Castro. (org). Rio de Janeiro. NAU, 1998. p. 55-74.
- _____. **A aventura Urbana. Crianças e Jovens no rio de Janeiro**. Rio de Janeiro; 7letras, 2004.
- CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: **Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional**. Abramo e Branco (organizadores), Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 303-321.
- CECCHETTO, Fátima Regina. Galeras funk cariocas – os bailes e a constituição do ethos guerreiro. In: **Um século de favela**. Rio de Janeiro; Ed. FGV, 1998. p.145-165.
- CRUZ, Andréa Góes da Cruz. Espaço urbano e transformações da subjetividade da criança e do adolescente. In: **Infância e adolescência na cultura de consumo**. Castro (org). Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.
- DA MATA, Roberto. O ofício de etnológico, ou como ter “Anthropological Blues” In: **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro; Zahar editores, 1985. p. 24 -35.

-
- _____. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: PAOLI, Maria Célia et al. **A violência Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p.11 – 44.
- FILHO, Rodrigo de Souza. et al. **Vidas em risco: assassinatos de crianças e adolescentes no Brasil**. Rio de Janeiro; MNMMR: IBASE: NEV-USP, 1992. 3ª edição.
- FRAGA, Paulo César Pontes. Política, isolamento e solidão: praticas sociais na produção de violência contra os jovens. In: **Política social, família e juventude. Uma questão de direitos**. SALES, Mione Apolinário et al (org). São Paulo: Cortez, 2004. p.81-104.
- GARCIA, Joana. A pedagogia do medo e o combate à prática da drogadição. In: **Sociedade & Políticas. Novos debates entre ONGs e universidade**. GARCIA, Joana et al. Rio de Janeiro: Ed. REVAN, 2003. p.198 -209.
- GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. In: **Tempo social, resista de sociologia da USP**, v.17, n.2.
- JUNIOR, Almir Pereira. Um país que mascara seu rosto. In: **Os impasses da cidadania. Infância e adolescência no Brasil**. JUNIOR, Almir Pereira et al organizadores. Rio de Janeiro: Ed. BASE, 1992. p. 13 - 33.
- KARAM, M. L. Legislação brasileira sobre drogas: história recente – a criminalização da diferença. In: **Avessos do prazer: Drogas, Aids e Direitos Humanos** Acselrad (org.) Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2000. p 165- 183.
- LEHMAN, L.M.S., Silveira, A.G., Afonso, A.F.L. & Castro, L.R. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: **Infância e adolescência na cultura do consumo**, Castro (Org.). Rio de Janeiro: NAU,1998. p.125-140.
- MAIA, Rosemere. “Reencontrando a cidade: um ensaio sobre a configuração das metrópoles na contemporaneidade – seus dilemas e perspectivas” In: **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia – GO. UFG. 2003.
- MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R. (Organizadoras). **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- NOVAES, Regina Reyes. Juventudes Cariocas: mediação, conflitos e encontros culturais. In: **Galeras Cariocas: Territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro; UFRJ, 2003.
- _____. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Editora Cortez. 2003.

PEREGRINO, Mônica. E o bonde abalou! Contenção, juventude e embate nas escolas do Rio. In: **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro; DP&A Editora. 2003.

RIBEIRO, Eliane; LÂNES, Patrícia e CARRANO, Paulo. **Juventude brasileira e democracia: Participação, esferas e políticas públicas. Relatório final**. Instituto Polis e IBASE. 2005.

SANSONE, Livio. Jovens e oportunidades: as mudanças na década de 1990 – Variações por cor e classe. In: **Origens e Destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro; IUPERJ/UCAM, 2003. p. 245-277

SARAIVA, João Batista Costa. **Adolescente em conflito com a lei. Da indiferença à proteção integral. Uma abordagem sobre a responsabilidade penal juvenil**. Porto Alegre: Ed. Livraria do Advogado, 2005. p. 71-81

SPOSITO, Marília. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, Virgínia de Freitas & PAPA, Fernanda de Carvalho. **Políticas Públicas: juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2003. p.58-75

VELHO, Gilberto. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, Alba organizadora. **Drogas e cidadania. Repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. p.23-30

ZALUAR, Alba. Introdução: Drogas e cidadania. In: ZALUAR, Alba organizadora. **Drogas e cidadania. Repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. p. 7-22

_____. **Condíminio do Diabo**. Revan: UFRJ. Rio de Janeiro. 1994.

II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 108 Maiores Cidades do País 2005. São Paulo. 2006. CEBRID (Centro Brasileiro de informações sobre Drogas Psicotrópicas). Disponível em www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/lev_domiciliar2005/index.htm. Acesso em 22/11/2007.

ANEXOS:

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS JOVENS:

➤ Juventude e sociabilidade

1. Fale sobre os lugares de lazer e as atividades, para os jovens, que você conhece na cidade do Rio de Janeiro. Como elas são distribuídas na cidade?
2. Destes lugares que você descreveu, quais você frequenta? Com quem você geralmente está nesses lugares?
3. Você tem alguma dificuldade para fazer o que gosta? Que tipo?
4. Você tem alguma sugestão para dar em relação ao lazer dos jovens na cidade do Rio de Janeiro?

➤ Juventude e consumo

1. Qual o tipo de roupa que você gosta de usar? E a de seus amigos? Você acha que tem algo em comum entre o seu estilo e de quem você anda?
2. O que você acha mais importante: o estilo, o preço ou a marca da roupa?
3. Com que frequência você costuma fazer compras para si mesmo? Em que ocasiões?
4. Você acha que a propaganda é um fator que pode te influenciar a comprar o produto?

➤ Juventude e drogas

1. O que é droga para você?
2. Quais os fatores que para você pode levar uma pessoa ao uso de drogas?
3. Você considera o cigarro e o álcool como drogas? Mas eles não são proibidos como as drogas ilícitas. Me dê sua opinião sobre isso.

4. Você acha que o uso das drogas pode ser um dos fatores que aumentam a violência urbana?
5. Você tem ou conhece algum espaço em que a questão das drogas é discutida abertamente? Qual? O que você acha disso?

Juventude e violência

1. Até que ponto você acha que a violência do Rio de Janeiro interfere no seu dia-a-dia? Quais são as medidas que você faz para tentar fugir dessa violência?
2. Você se vê obrigado a ter que sair mais cedo de certos locais e até mesmo a não frequentar outros devido a violência? Fale-me mais sobre isto.
3. Seus pais te proibem de frequentar certos lugares ou ficam preocupados quando você demora a chegar por conta da violência?
4. Você tem alguma sugestão a dar em relação à violência da cidade do Rio de Janeiro?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFISSIONAIS:

- 1- Segundo seus estudos, quais os temas que mais afetam o segmento da juventude no Brasil de hoje?
- 2- Você considera que o tema da juventude tem sido explorado nos últimos anos no debate político brasileiro?
- 3- Como você vê o protagonismo dos jovens frente ao debate sobre juventude brasileira?
- 4- Quais as principais tensões que você apontaria em relação às políticas voltadas para a juventude no Brasil?